

NA TRILHA DOS SUJEITOS PRATICANTES DO LAZER NA NATUREZA: UM DEBATE CONCEITUAL SOBRE LAZER E MEIO AMBIENTE¹

IN THE TRACK OF THE SUBJECTS WHO PRATISE LEISURE
IN THE NATURE: A CONCEPTUAL DEBATE ON LEISURE
AND ENVIRONMENT

Mirleide Chaar Bahia²

Tania Mara Vieira Sampaio³

RESUMO: O Brasil, com sua diversidade de ambientes naturais, oferece inúmeras oportunidades para a vivência de atividades de lazer em áreas naturais, possibilitando uma aproximação e um aprimoramento nas relações ser humano-natureza, na medida em que suscita interesse e curiosidade para o conhecimento, a vivência e a possibilidade de atitudes de preservação dos diversos cenários naturais ali existentes. Tal diversidade de ambientes naturais vem ao encontro da busca de aventura por diversos atores sociais, os quais têm se reunido em grupos com interesses afins, em busca de vivências diversas, não apenas com objetivos de divertimento, como de conhecimento ou mesmo de competição. Assim, o desenvolvimento desta pesquisa teve por objetivo estabelecer um debate conceitual sobre lazer e meio ambiente. A metodologia utilizada nesta pesquisa foi a bibliográfica, tendo como fontes livros, revistas especializadas, sites, artigos, entre outros. Apresentando como resultado contribuir para um processo de sustentabilidade do meio ambiente visando a prática de um lazer crítico e criativo.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer. Meio Ambiente. Esportes de Aventura.

Introdução

Na atualidade, as atividades realizadas na natureza – explorando as diferentes variáveis do meio ambiente: montanhas, cachoeiras, corredeiras, rios, ar, entre outros – vêm ao encontro da necessidade cada vez mais latente do ser humano em vivenciar experiências ao ambiente natural, estabelecendo relações lúdicas com o meio ambiente através de jogos, esportes e desafios.

¹ Esse artigo representa uma parte da monografia "Esporte e Natureza: aproximações teórico-conceituais e impactos ambientais no Estado do Pará", defendida no Núcleo de Meio Ambiente da Universidade Federal do Pará em 2002.

² Mestranda em Educação Física pela Unimep. Membro do Grupo de Pesquisas em Lazer (GPL/Unimep).

³ Doutora. Membro do Grupo de Pesquisa em Lazer (GPL/Unimep).

Cotidianamente, convivemos com informações veiculadas na mídia televisiva, expostas em revistas e folders de divulgação mercadológica de agências de turismo sobre novas formas de vivências na natureza como prática de lazer, muitas vezes com nomenclaturas atrativas e vinculadas à temática ecológica.

Não obstante, o processo de industrialização e a crescente urbanização têm causado nas pessoas um sentimento de busca por experiências próximas à natureza, sejam elas de contemplação, de práticas esportivas de aventura, entre outros motivos.

Assim, a crescente expansão de práticas de lazer realizadas na natureza vem ganhando adeptos a cada dia, causando uma preocupação em relação aos procedimentos adotados neste tipo de prática, tanto em relação à utilização do lazer enquanto "mercadoria", quanto pelo "uso" indiscriminado e mal planejado do meio ambiente natural.

A disseminação de expressões que vinculem a prática de lazer na natureza, "vendendo" sonhos e uma imagem de adoção de princípios "ecologicamente corretos", nem sempre está refletida na vivência cotidiana de algumas agências e grupos promotores deste tipo de atividade.

É notória a expansão e a proliferação de atividades de aventura em todo o mundo, e na Floresta Amazônica, por exemplo, o interesse é dobrado, pelas possibilidades de vivências em áreas diversas – mata fechada, rios caudalosos, cachoeiras, cavernas, áreas de mangue, entre outras – e o desejo de aproximação mais intensa com o meio natural, possibilidade esta diminuída após a urbanização cada vez mais crescente das áreas rurais. Com a diversidade de cenários naturais da Amazônia, nota-se que ainda é bastante incipiente a ordenação do uso público em áreas naturais. Apesar da criação do Sistema Nacional de Unidades de Conservação - SNUC⁴, por sua vasta extensão territorial, a região Amazônica, e mais especificamente o Estado do Pará, não possuem muitas unidades de conservação com características voltadas ao uso público ordenado e controlado.

Apesar dos conflitos de terra, áreas tomadas pela grilagem, exploração ilegal de madeira, surgem propostas de uso público das áreas naturais – com certeza, bem menos abordadas na mídia e pouco consideradas pelo poder público – mas que lentamente vêm se manifestando como uma das formas de conviver com a natureza de forma mais responsável. Trata-se da vivência de atividades de aventura realizadas na natureza e o surgimento de organizações não-governamentais, associações, grupos independentes voltados à prática e organização de tais atividades em diversas regiões do país.

Com um grande mercado aberto para a exploração dos recursos naturais e do tempo de lazer das pessoas – que se dispõem a vivenciar práticas de aventura na

4 O Conjunto de Unidades de Conservação do Brasil (áreas naturais protegidas) constitui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC. "Mediante o Projeto de Lei nº 2.892, de 1992 – que regulamenta o art.225, 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal – instituiu-se a lei nº 9.985, criou-se o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza" (COSTA, 2002, p. 27).

natureza – cresce o surgimento de agências, grupos independentes e do próprio poder público, interessados em divulgar as belezas naturais e as práticas de ecoturismo, turismo sustentável e turismo de aventura.– este se voltando à prática de esportes de aventura – nem sempre preocupados com valores verdadeiramente comprometidos com a vivência de um lazer crítico e criativo e uma conduta sustentável em áreas naturais.

Desenvolvimento

Concepções de Lazer e Meio Ambiente

Há vários entendimentos no que se refere ao Lazer e ao Meio Ambiente, tanto enraizados no senso comum, quanto defendidos por autores (UVINHA, 2001; COSTA, 2000; BETRÁN, 2003; MARINHO, 2003; BRUHNS, 2003), que se propõem a discutir tais temáticas. Portanto, precisamos deixar claro em quais bases epistemológicas nos apoiamos, para que seja possível tornar transparentes as nossas concepções individuais e a linha de raciocínio que pretendemos tomar.

Em relação ao lazer, propomos uma concepção que se pautar na contraposição a uma lógica de compensação, de alienação ou de exploração do mercado ao qual este é submetido. Um lazer marcado pela criticidade e criatividade, alicerçado no objetivo de Denúncia de uma realidade historicamente construída e no Anúncio de uma utopia focada na mudança do possível, a ser alcançado dentro de nossas vidas (MARCELLINO, 2000, p.15).

Seria o que Rubem Alves (1986), denomina como um significado Ético e Profético do Lazer. Ético, no sentido de perceber outros valores que permeiam o lazer, diferentes do mundo produtivo e consumista e Profético, no sentido de transportar tais descobertas para fora do lazer e do lúdico. Desta forma, um lazer crítico e criativo seria capaz de possibilitar a transferência de tais valores para a vida real.

Assim, Nelson Marcellino, que defende tal lógica – enraizada nos valores de um lazer capaz de propiciar o descanso, o divertimento e o desenvolvimento individual e social –, e em quem achamos pertinente pautar nosso trabalho, pensa o lazer como:

Cultura entendida no seu sentido mais amplo, vivenciada, consumida, ou conhecida no tempo disponível, que requer determinadas características como a livre adesão e o prazer, propiciando condições de descanso, divertimento e desenvolvimento tanto pessoal quanto social (2003, p.31).

A noção de cultura, neste caso, pauta-se em uma concepção antropológica, isto é, "num conjunto de modos de fazer, ser, interagir e representar que, produzidos socialmente, envolvem simbolização e, por sua vez, definem o modo pelo qual a vida social se desenvolve" (MACEDO, 1979, p.35).

Para Christianne Gomes (2004, p. 124), "a cultura institui uma expressiva possibilidade para se conceber o lazer em nossa realidade histórico-social",

pautando-se no pressuposto de que "a cultura constitui um campo de produção humana em várias perspectivas, e o lazer representa uma de suas dimensões: inclui a fruição de diversas manifestações culturais".

Para a autora, que propõe uma análise crítica sobre as diversas concepções de lazer trabalhadas por vários autores, no livro intitulado "Dicionário crítico do lazer", o lazer compreende uma variedade de práticas culturais, dentre elas "o jogo, a brincadeira, a festa, o passeio, a viagem, o esporte e também as formas de arte (pintura, escultura, literatura, dança, teatro, música, cinema), dentre várias outras possibilidades." (GOMES, 2004, p. 124). E inclui ainda o ócio, como uma das possibilidades de se constituir em uma das variadas experiências de lazer constituintes do meio social.

Diante da expressiva variedade de conteúdos culturais a serem vivenciados pela sociedade, há a característica de preponderância de um destes conteúdos, de acordo com o interesse principal buscado pelo indivíduo prioritariamente, podendo surgir um outro interesse secundário, o que significa que ao escolher um conteúdo físico-esportivo na natureza, apesar do interesse principal ser o de exercitar-se fisicamente, paralelamente, pode ser percebida uma gama de outras possibilidades: contemplação da natureza e busca de conhecimentos (interesse turístico) ou estar com um grupo de amigos na prática das atividades (interesse social).

No que diz respeito aos elementos inter-relacionados que podem caracterizar o lazer, pode-se citar o tempo disponível, o espaço-lugar para este se manifestar e a atitude do indivíduo (MARCELLINO, 1997). Além desses três elementos em comum, Christianne Gomes (2004, p.124), propõe mais um, que se caracteriza pelas Manifestações Culturais, "conteúdos vivenciados como fruição da cultura, seja como possibilidade de diversão, de descanso ou de desenvolvimento".

Joffe Dumazedier (1980), que apesar de possuir limitações em suas concepções já analisadas por alguns autores, propõe categorias ainda utilizadas atualmente, no que se refere às dimensões de gênero ou tipos de envolvimento, as quais se apresentam como: o prático, o conhecimento e a fruição ou a assistência propiciada pelo consumo de um espetáculo. Os três gêneros estão diretamente ligados à atitude tomada pelo indivíduo, caracterizada pelo autor como o nível de envolvimento na atividade em questão, podendo ser: elementar (conformismo), médio (criticidade) e superior (criatividade). Assim, uma atividade física de aventura na natureza pode caracterizar-se por ser prática, não apenas por exigir movimentos, mas por estar ligada efetivamente a níveis crítico-criativos.

Percebendo, portanto, algumas nuances que fazem parte da teoria do lazer e, conseqüentemente, os aspectos inerentes aos conteúdos culturais do lazer, faz-se necessário delimitarmos em que bases de sustentação o presente trabalho estará alicerçado, no que se refere às concepções ecológicas.

Ao discorrermos sobre as questões do Meio Ambiente, concordamos com Felix Guattari (1990), quando afirma uma ecologia pautada não apenas numa consciência parcial dos perigos mais evidentes que ameaçam o meio ambiente

natural e em perspectivas tecnocráticas, mas sim numa perspectiva que leve em consideração outros aspectos:

[...] ao passo que só uma articulação ético-política – a que chamo ecosofia – entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) é que poderia esclarecer convenientemente tais questões (1990, p.8).

Numa lógica de compreensão dos desequilíbrios ecológicos, ameaçando a vida em sua superfície, paralelamente com a deterioração dos modos de vida humanos individuais e coletivos, o autor considera que não é possível haver uma verdadeira resposta à crise ecológica, se não houver uma "autêntica revolução política, social e cultural reordenando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais" (GUATTARI, 1990, p. 9), ocorrendo não apenas em relação às forças visíveis, mas em escalas de domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo, nas quais a subjetividade humana está intimamente relacionada.

O que se põe em questão é a maneira de viver daqui em diante sobre o planeta e não apenas uma consciência parcial dos perigos mais evidentes e maiores sobre o meio ambiente natural. É comum nos preocuparmos apenas com os grandes desastres ecológicos e com os grandes danos industriais, porém não atentamos para o fato de que cada ato individual, em nosso dia-a-dia reproduz-se em atos coletivos e geram grandes mudanças no meio ambiente local e, conseqüentemente, em escala global.

Em função do contínuo desenvolvimento do trabalho maquinico redobrado pela revolução informática, as forças produtivas vão tornar disponível uma quantidade cada vez maior do tempo de atividade humana potencial⁵. Mas com que finalidade? A do desemprego, da neurose, ou a da cultura, da criação, da pesquisa, da re-invenção do meio ambiente, do enriquecimento dos modos de vida e de sensibilidade? (GUATTARI, 1990, p. 8-9).

A adoção de uma ética "ecosófica" em todas as esferas da vida, depende de reflexões e ações humanas sobre suas práticas e sua visão androcêntrica (o homem no centro) e antropocêntrica (o ser humano dominando o meio ambiente). A mudança de tais paradigmas é urgente e necessária, devendo adotar uma relação dialética entre reflexão – através de pesquisas – e ação – através de nossas práticas diárias. Nesta concepção, o meio ambiente assume um significado mais abrangente, na medida em que é interpretado como o resultado das Inter-relações entre natureza e sociedade, valorizando-se a relação meio ambiente-qualidade de vida (social, e não apenas natural) numa esfera de amplitude holística. E será justamente esse grau

5 "Nas fábricas Fiat, por exemplo, a mão-de-obra assalariada passou de 140 mil para 60 mil operários numa década, enquanto a produtividade aumentava em 75%." (GUATTARI, 1990, p. 9).

de compreensão e valorização, que deverá orientar uma definição do modelo de desenvolvimento sustentável e seu nível de envolvimento e compromisso com as atividades realizadas na natureza, com a cultura das populações locais e com uma lógica de lazer crítico e criativo no meio ambiente.

As atividades de Lazer na Natureza e a Sustentabilidade

Desde o começo da industrialização, no século XVIII, a população mundial cresceu 8 vezes; consumindo mais e mais recursos naturais; somente a produção, baseada na exploração da natureza, cresceu mais de cem vezes. O agravamento deste quadro com a mundialização do acelerado processo produtivo faz aumentar a ameaça e, conseqüentemente, a necessidade de um cuidado especial com o futuro da Terra (BOFF, 1999, p. 133).

Percebemos, que houve um gradativo rompimento de uma lógica racional de desenvolvimento, de uso racional de recursos naturais e de qualidade de vida das populações, inserindo-se a preocupação com os aspectos que se referem ao tempo disponível para o lazer. A mudança histórica na contagem do tempo é percebida na transformação do tempo pastoril para o industrial e na transformação do tempo natural para o artificial (RYBCZYNSKI, 2000).

Atualmente, percebendo a problemática das questões ambientais, o ser humano estaria buscando (re)descobrir a essência e a importância de saber viver (e cuidar). Passando a preocupar-se com o "meio" de forma ampliada, numa recuperação de valores aparentemente desaparecidos, poderíamos supor que isto pode significar estar buscando mudança nos paradigmas que ditam a relação dele mesmo com o meio natural.

Surge, então, uma mentalidade ambientalista, manifestada, na atualidade, por um campo amplo de relações, no qual,

(...) está embutida não apenas a preservação, de maneira isolada e estanque, mas integrando uma infinidade de conteúdos, de complexificação do conhecimento, articulando uma visão diferenciada sobre os acontecimentos naturais, sócio-culturais, político-econômicos, num entendimento do ser humano como elemento co-responsável, fundamental, em tudo o que ocorre no âmbito da sobrevivência física do planeta e da própria qualidade de vida em um sentido amplo, renovado e diferenciado (CASCINO apud BRUHNS, 1999, p. 502).

E eis que se estabelece um conflito no ser humano: as possibilidades de exploração da natureza versus a responsabilidade de conservá-la.

Diante da natureza desconhecida, os seres humanos são acometidos tanto da melancolia e desejo de conservá-la intocável, compreendê-la e encontrar respostas às indagações suscitadas, quanto do ímpeto de explorá-la, quer econômica, quer cientificamente (COELHO, 1999, p. 55).

Perante a necessidade de sobrevivência e de desenvolvimento das populações, buscam-se alternativas que se contraponham ao paradigma hegemônico de desenvolvimento e crescimento desenfreado, de modo que venham a suprir as necessidades atuais, sem o comprometimento das gerações futuras e a degradação do meio ambiente.

Não obstante, a necessidade de vivenciar atividades e momentos de lazer na natureza, numa busca pela reaproximação, na medida em que a urbanização das cidades causou um rompimento das relações ser humano-natureza, faz com que este se engaje cada vez mais em tais discussões.

Assim, na lógica de preservação dos recursos naturais e culturais das populações tradicionais – habitantes de áreas naturais remotas com potencial para exploração, visitação, vivências de lazer, entre outros – houve um estabelecimento de preceitos que pudessem permitir um manejo consciente de tais atividades, de modo a não esgotar tais recursos.

Surgem discussões acaloradas em reuniões mundiais sobre a temática ambiental, com a presença de vários chefes de Estado, sobressaindo-se dentre elas a ECO 92, na qual algumas metas de desenvolvimento, pautadas numa preocupação com gerações futuras e o esgotamento dos recursos naturais e culturais, foram discutidas e sistematizadas num documento intitulado AGENDA 21 GLOBAL, após a publicação anterior (1988) de um relatório denominado "Relatório Brundtland" (Nosso Futuro Comum) (COELHO, 1999).

Impulsiona-se, portanto, o desejo e a tentativa de um equilíbrio social, econômico e ecológico, num tripé que, para Figueiredo, baseado no Relatório Brundtland, significa "justiça social, eficiência econômica e prudência ecológica", denominado "Desenvolvimento Sustentável".⁶ (FIGUEIREDO, 1999, p. 36). Assim, uma das perspectivas de entendimento do desenvolvimento sustentável é trabalhada por Sachs apud Coelho (1999),

Desenvolvimento sustentável vem sendo comumente definido como desenvolvimento que leva em consideração a finitude dos recursos naturais, a sustentabilidade ou durabilidade no uso dos recursos com vista às gerações futuras. Além da sustentabilidade social, econômica e ecológica, neste conceito de desenvolvimento é também ressaltada, com propriedade, a sustentabilidade cultural (p. 57).

⁶ Na década de 1970, a perspectiva teórica designada "Desenvolvimento Sustentável" surgiu da crítica ao planejamento econômico tal como foi concebido no mundo ocidental pós-50 e os seus resultados ambientais danosos e socialmente injustos, sobretudo nos países então denominados "Terceiro Mundo" (COELHO, 1999).

Várias são as questões estabelecidas na Agenda 21 em nível mundial, inclusive a visitação pública em áreas naturais, o que incluiria o lazer, tanto em seu conteúdo cultural de turismo, quanto na prática de atividades físico-esportivas. A preocupação a partir de então era a do cumprimento de metas exequíveis, em nível local ou regional, com uma AGENDA 21 LOCAL passando a ser pensada em cada região.

Assim, o entendimento de que cada região deve buscar soluções específicas para seus problemas particulares, considerando dados ecológicos e igualmente culturais, bem como as necessidades imediatas e de longo prazo, remete à observação primordial da diversidade cultural.⁷

O conceito de Desenvolvimento Sustentável busca, portanto, uma concepção sistêmica de mundo e estabelece seu apoio em visões orientais de harmonia⁸ entre seres humanos e natureza. Tal abordagem suscita a compreensão de que todas as formas de ação do ser humano no meio ambiente, principalmente no que se refere ao estabelecimento de práticas as quais busquem recursos naturais ou a própria área natural como suporte, necessitam essencial e prioritariamente de planejamento, envolvimento com as comunidades da área, levantamento de capacidade de suporte, enfim, uma série de medidas capazes de minimizar a ação antrópica (ação do homem) em tais áreas e na busca do desenvolvimento com sustentabilidade e responsabilidade (FIGUEIREDO, 2001).

Surgindo como uma forma alternativa de utilização dos recursos naturais – em consonância com os preceitos do Desenvolvimento Sustentável – alguns conteúdos culturais do lazer passam a estabelecer uma relação íntima com o meio ambiente, tendo como destaque o Turismo em dois segmentos: o do Ecoturismo⁹ e o do Turismo de Aventura¹⁰, este último, vinculando atividades físicas na natureza chamadas de Esportes de Aventura (PLANO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO TURISMO DE AVENTURA-EMBRATUR, 2001), Radicais (UVINHA, 2001) ou Atividades Físicas de Aventura na Natureza - AFAN (BETRÁN, 2003).

7 Sachs apud Figueiredo (1999), destaca que diversidade cultural significa diversidade de formas de relação do ser humano com a natureza e das adaptações de modelos tecnológicos à realidades regionais, criticando a prática da transferência de tecnologia sem adaptações a essas realidades.

8 Fritjof Capra (1982), em "O Ponto de Mutação" baseia-se na concepção do TAO, a qual justifica as manifestações cíclicas e de equilíbrio aos dois pólos arquetípicos e opostos YIN e YANG. Tais manifestações estão associadas a numerosas imagens de opostos, colhidas na natureza e na vida social. O YIN, feminino, corresponde a tudo o que   contrátil, receptivo e conservador e o YANG, masculino, implica tudo o que   expansivo, agressivo e exigente. O que é "bom" não   YIN ou YANG, mas o equilíbrio dinâmico entre ambos (...).

9 Para Ceballos-Lascurain apud Figueiredo (1999, p.55), o Ecoturismo ou Turismo Ecológico seria "A execução de uma viagem a áreas naturais que estão relativamente sem distúrbios ou contaminação, com o objetivo específico de estudar, admirar e desfrutar o panorama junto à fauna e   flora silvestres, assim como qualquer manifestação cultural (passado ou presente) que se encontre nessas áreas"

10 "Segmento do mercado turístico que promove a prática de atividades de aventura e esporte recreacional, em ambientes naturais e espaços urbanos ao ar livre, que envolvam emoções e riscos controlados, exigindo o uso de técnicas e equipamentos específicos, a adoção de procedimentos para garantir a seguranç a pessoal e de terceiros e o respeito ao patrim nio ambiental e sociocultural." (PLANO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO TURISMO DE AVENTURA - Embratur, 2001, p.7).

Apesar de ainda serem incipientes as discussões epistemológicas sobre tais atividades no Brasil havendo necessidade de fazê-lo em nível acadêmico, a fim de que se entre num consenso sobre a terminologia a ser adotada para tais práticas o foco de discussão deste texto não estará voltado a esse assunto.

A compreensão do estabelecimento de uma conexão entre lazer-esporte-natureza, vivenciada na contemporaneidade, é descrita por Da Costa (1999, p.553), como uma das principais tendências do esporte e do lazer, neste final de século, em "busca de auto-realização e auto-expressão através do crescente envolvimento com o meio ambiente natural".

Heloísa Bruhns (1997, p.38) também discorre sobre o assunto, ao demonstrar que existe uma multiplicidade de agrupamentos, independentemente de sexo, idade ou nível técnico, que se unem para fazer turismo ecológico ou turismo de aventura, podendo tomar forma por meio de clubes de caminhada, montanhismo, alpinismo ou outros similares.

As novas sensibilidades relacionadas às questões ambientais têm possibilitado abertura para outras mentalidades engendrando práticas diversas de lazer (BRUHNS, 1999), notadamente dentro do esporte, estabelecendo relações com a natureza, assumidas preliminarmente por uma tendência,

(...) nomeadamente a de levar tais práticas para o espaço aberto, para o ar livre, para o exterior, para a natureza. Esta naturalização efetivamente é um retorno às raízes do esporte, e, como tal, uma das expressões principais do lazer atual em qualquer país (DA COSTA, 1999, p.553).

Nesta lógica, alguns autores começam a discutir significativas características inerentes a este tipo de prática, buscando diferenciá-las do esporte que acontece em ambientes "estandardizados ou "domésticos", onde a ação motriz se orienta a um automatismo repetido cuidadosamente nos treinamentos, significando que "as práticas domésticas supõem um gesto sem surpresas, automatizado, programado, sem improvisação possível" (PARLEBÁS, 1987, p.14).

Por outro lado, quando o esporte é considerado "selvagem", "radical", "na natureza" ou não estandardizado, como no caso do "surf", do "mountain-bike" e outros, o praticante está sujeito às constantes alterações do meio, tendo que manter um diálogo constante com o espaço. Necessita, então, adaptar-se às condições impostas pela natureza e estar atento aos possíveis obstáculos naturais. "As práticas 'selvagens' requerem um ajuste à novidade e uma orientação para a adaptabilidade frente ao imprevisto" (PARLEBÁS, 1987, p. 14).

Uvinha (2001, p.21), ao adotar a terminologia "Esportes Radicais"¹¹, para este tipo de atividade física na natureza, defende a perspectiva conceitual de que "esses esportes têm em comum o gosto pelo risco e pela aventura, muitos,

¹¹ Segundo Ricardo Uvinha (2001, p. 21) "(...) os esportes radicais parecem ter começado a ganhar expressão no Brasil na década de 1980 (...)"

com a proposta de se engajar também em causas de preservação ecológica".

O autor ainda se aprofunda em estudos quanto ao significado do "imprevisto", haja vista que os esportes radicais remetem às mais variadas situações. E cita este encontro com o imprevisto nas palavras de Pociello apud Uvinha (2001, p. 24):

Poder-se-á brincar de sentir medo no ar e no mar, sobre a onda ou sobre o rochedo, nas subidas ou nas descidas, no vazio que beira a catástrofe, de forma a experimentar realmente as sensações excitantes dos sonhos de vôo, ou saborear essa dinâmica mais modesta do salto.

Ao fazerem referência à experiência do "risco", tanto Ricardo Uvinha (2001) quanto Vera Costa (1999) abordam o tema de acordo com o enfoque dado por Roger Caillois em sua tipologia para os jogos.¹²

Trata-se, hoje, de uma aventura eivada de sentidos lúdicos, uma vez que a atitude dos sujeitos que vivem a aventura no esporte é tomada por um risco calculado, no qual ousam jogar a si mesmos com a confiança do domínio cada vez maior da técnica e da segurança propiciada pela tecnologia. Manifestam uma audácia para poder desencadear, em risco, uma transgressão de limites possíveis, autorizada pela confiança de ser capaz de fazer (lançar-se no espaço, na profundidade, na imersão, na luta contra os obstáculos da natureza), associada a um excitante e reconfortante prazer de realização ("ilinx"¹³, vertigem) e de tê-lo feito com alta competência (COSTA, 1999, p. 19).

Para Ricardo Uvinha (2001, p. 24), o elemento "ilinx", proposto por Roger Caillois caracteriza-se por "um estado orgânico de confusão e estupor", sinalizando ainda que os jogos inseridos na classificação do autor, que fazem parte do "ilinx", consistem "em uma tentativa de destruir por um instante a estabilidade da percepção e infligir à consciência lúdica uma espécie de pânico voluptuoso", o que pode estar ligado ao "risco" encontrado nos esportes radicais.

Assim, ao buscar o risco, os praticantes dos esportes radicais procuram emoções que se enraízam no universo fictício¹⁴.

Da mesma forma, esses esportes adotam singularidades individuais na busca de qualidade de vida, de sensibilidade extrema, proclamam o indivíduo e o seu direito de se realizar à parte do que é comum, o direito de ser autônomo (COSTA, 1999).

¹² Roger Caillois, em sua obra "Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem" (1990), desenvolve uma tipologia para os jogos.

¹³ Caillois apud Costa (1999, p. 18) descreve tal tipologia como sendo os jogos baseados nos princípios do "AGON" (competição), "ALEA" (sorte), "MIMICRY" (ilusão) e "ILINX" (vertigem).

¹⁴ Os riscos, segundo Vera Costa (1999, p. 19), "são calculados, provocados, de certa forma imaginários, uma vez que essa aventura, experimentada ao vivo e diretamente, é altamente controlada por um planejamento rigoroso e por um sofisticado aparato tecnológico e de segurança".

Alguns grupos se formam, de acordo com a convergência de seus interesses e desejos, em torno dessas práticas, revelando emoções, sentidos, simbolismo, dimensões culturais de vivenciar tais experiências e buscam, em atividades de risco e aventura, o sentimento de glória, de vitória.

É comum os segmentos ecoturísticos e o empresariado adotarem as práticas de aventura e risco como arte de viver, desafiando calculadamente, com risco de vida, o fim trágico ou a sobrevivência gloriosa, prestigiada com sucesso (COSTA, 1999, p. 18).

A existência dos elementos da competição, da incerteza das informações do ambiente e do parceiro ou do adversário, por exemplo, desloca-se, nesses esportes, de um sujeito humano concreto, para um confronto com adversários da natureza antropomorfizados: ventos, avalanches, enxurradas, ondas, temperatura ambiente (COSTA, 1999, p. 16).

Assim, a competição existente nos esportes de aventura é travada com os próprios limites individuais e com os elementos da natureza, dando novas configurações aos existentes em outras práticas convencionais (as modalidades olímpicas ou as vivenciadas no "esporte espetáculo"). Para Vera Costa (1999, p. 16), "o fato de o praticante estar só diante da natureza faz com que a competição desloque o sentido do outro para si mesmo".

Neto apud Uvinha (2001, p. 25), ao se referir à "paixão" pelo risco, acredita que esta se manifesta simbolicamente como:

Uma forma de afrontar a morte segundo um modo metafórico, garantir a existência, abandonar provisoriamente o conforto e a segurança ou a necessidade antropológica de existência em situações ativas no sentido de um sistema simbólico que estrutura mudanças.

Acredita-se, portanto, que o ser humano possui diversas motivações¹⁵ e razões intrínsecas para a realização de atividades que intensifiquem o espírito aventureiro, o que repercute na busca de esportes de aventura e na busca de risco. Mas além das motivações, há necessidade de descortinar quais os valores vivenciados em tais práticas.

Considerações Finais

A discussão crescente da problemática da sustentabilidade do meio ambiente, tanto em nível mundial, quanto em níveis locais, deverá ser levantada no meio acadêmico, de forma a privilegiar uma discussão multidisciplinar, envolvendo atores diversos.

¹⁵ No livro "O que é aventura", Athos Eichler Cardoso cita que "O 'Kongspeil', O Espelho dos Reis, composto em 1200 para um soberano da Noruega, examina os motivos que impulsionaram os homens à exploração de novas terras e distingue três deles: o afã do lucro, de glória e da pura e simples aventura". (p. 32)

O lazer, enquanto manifestação humana, possui características próprias, com grandes possibilidades para a transformação do ser humano e da sociedade, a partir de valores comprometidos com o rompimento da lógica hegemônica do "lazer mercadoria" e de um lazer alienado das questões de sustentabilidade mundial.

Com o crescente aumento da divulgação de atividades de lazer na natureza e com o surgimento de novas práticas, fica evidente a necessidade de discussões que tragam à tona os valores subjacentes a tais práticas, com uma preocupação em contribuir para um debate que propicie um processo consciente de vivência de um lazer crítico e criativo, na busca de um desenvolvimento de relações saudáveis entre os indivíduos, a sociedade e a natureza.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *A gestação do futuro*. Campinas: Papirus, 1986.
- BETRÁN, Javier Olivera. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza. In: MARINHO, Alcyane; Bruhns, Heloisa T. (Org.). *Turismo, Lazer e Natureza*. São Paulo: Manole, 2003.
- BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BRUHNS, Heloisa Turini. *Introdução aos estudos do lazer*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997. (Coleção Livro-Texto).
- BRUHNS, Heloisa Turini. Lazer, cidadania e meio ambiente: Buscando compreensões. In: Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 11, 1999, Foz do Iguaçu. *Coletânea...* Foz do Iguaçu: Unioeste, 1999.
- CAILLOIS, Roger. *Os Jogos e os Homens: a máscara e a vertigem*. Lisboa: Cotovia, 1990.
- CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. *O que é Lazer*. 3a ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1982.
- CARDOSO, Athos Eichler. *O que é aventura*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- COELHO, Maria Célia Nunes. Reflexões sobre ecoturismo na Amazônia. In: Figueiredo, Sílvio Lima (Org.). *O ecoturismo e a questão ambiental na Amazônia*. Belém: UFPA/NAEA, 1999.

COSTA, Vera Lúcia de Menezes. *Esportes de aventura e risco na montanha: uma trajetória de jogo com limites e incertezas*. Tese de Doutorado. Universidade Gama Filho – RJ, 1999.

COSTA, Vera Lúcia de Menezes. *Esportes de aventura e risco na montanha: um mergulho no imaginário*. São Paulo: Manole, 2000.

DA COSTA, Lamartine P. Lazer, meio ambiente e participação humana sob múltiplos olhares: O viés desportivo. In: Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 11, 1999, Foz do Iguaçu. *Coletânea...* Foz do Iguaçu: Unioeste, 1999.

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DUMAZEDIER, Joffre. *Valores e conteúdos culturais do lazer*. São Paulo: SESC, 1980.

FIGUEIREDO, Sílvio Lima. Ecoturismo e desenvolvimento sustentável: Alternativa para o desenvolvimento da Amazônia? In: Figueiredo, Sílvio Lima (Org.). *O ecoturismo e a questão ambiental na Amazônia*. Belém: UFPA/NAEA, 1999.

FIGUEIREDO, Sílvio Lima. *Capacidade de carga*. Texto inédito. 2001 (mimeo).

GOMES, Christianne Luce.(org.). *Dicionário Crítico do Lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GUATTARI, Felix. *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 1990.

MACEDO, Cármen Cinira. Algumas observações sobre a cultura do povo. In: VALLE, Edenio (Org). *A cultura do povo*. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

MARCELLINO, Néelson Carvalho. *Lazer e educação*. Campinas: Papirus, 1987.

MARCELLINO, Néelson Carvalho. Perspectivas para o lazer: Mercadoria ou sinal de utopia? In: MOREIRA, Wagner Wey. *Educação física & esportes: Perspectivas para o século XXI*. Campinas: Papirus, 1993.

MARCELLINO, Néelson Carvalho. *Estudos do Lazer: uma introdução*. Campinas: Autores Associados, 2000.

MARCELLINO, Néelson Carvalho. *Pedagogia da animação*. 5 ed. Campinas: Papirus, 2003.

MARINHO, Alcyane e BRUHNS, Heloísa Turini. *Turismo, Lazer e Natureza*. São Paulo: Manole, 2003.

PARLEBÁS, P. *Perspectivas para una educación física moderna*. Espanha: Unisport, 1987.

PLANO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO TURISMO DE AVENTURA. *Relatório da Oficina de Planejamento*. Caeté: EMBRATUR, 2001.

SERRANO, Célia M. Toledo e BRUHNS, Heloísa Turini (Org.). *Viagens à natureza: Turismo, cultura e ambiente*. 4 ed. Campinas: 1997.(Coleção Turismo).

UVINHA, Ricardo Ricci. *Juventude, lazer e esportes radicais*. São Paulo: Manole, 2001.

ABSTRACT: Brazil, with its diversity of natural environments, offers several opportunities for practising leisure activities in natural areas, enabling an approximation and a refining in the relations between human being and nature, in so far as it generates interest and curiosity for knowing, living and being able to have attitudes to preserve the several existing natural sceneries. Such diversity of natural environments meets different social actors' search for adventure. These subjects have been gathering in groups with similar interest, looking for different experiences, aiming not only at their entertainment, but also knowledge and even competition. The purpose of the development of this research was thus to establish a conceptual debate on leisure and environment. This research used the bibliographical methodology, having as sources books, specialized magazines, websites, articles, among other resources. The result is to contribute to a process of sustainability of the environment, aiming at practising a critical and creative leisure.

KEYWORDS: Leisure. Environment. Adventure Sport.

Endereço das autoras:

Mirleide Chaar Bahia

Rua Alferes José Caetano 1745-Ed. Saint Paul, aptº 82

Piracicaba – SP – CEP.: 13420-000

Endereço Eletrônico: mirla@amazon.com.br

Recebido em: 30/03/2005

Aceito em: 15/05/2005

Tania Mara Vieira Sampaio

Rua Nuporanga 20, casa 7 – Piracicaba – SP – CEP.: 13420-252

Endereço Eletrônico: tsampaio@unimep.br